

O protagonismo de uma escola indígena da etnia Terena em Mato Grosso do Sul no processo de retomada de território tradicional da terra indígena Buriti¹

The protagonism of an indigenous school of the Terena ethnicity in Mato Grosso do Sul in the process of returning the traditional territory of the Buriti indigenous land

El protagonismo de una escuela indígena de la etnicidad de Terena en Mato Grosso do Sul en el proceso de devolver el territorio tradicional de la tierra indígena de Buriti

Gerson Pinto Alves. Indígena da etnia Terena. Professor na Escola Polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo | Aldeia Buriti | MS | Brasil. E-mail: gersonhanaiti@gmail.com | 

Heitor Queiroz de Medeiros. Universidade Católica Dom Bosco | PPGE/UCDB | Campo Grande | MS | Brasil. E-mail: heitor.medeiros@ucdb.br | 

Resumo: O objetivo da pesquisa foi analisar o envolvimento da Escola Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada de território originário dos Terena, buscando entender como se deu a participação da escola, assim como a proposta de compor o projeto político pedagógico da escola em articulação com o movimento de militância pela retomada do território. A metodologia utilizada para produção e análise dos dados da pesquisa busca a articulação de diversos procedimentos, como análise documental, entrevistas com anciões e lideranças da aldeia, docentes e discentes da escola indígena, bem como análise PPP da escola. A pesquisa contribui para a compreensão de como o protagonismo da escola possibilita que se efetive uma educação escolar indígena realmente diferenciada e que atenda aos interesses da comunidade Terena.

Palavras-Chaves: Indígenas Terena. Escola indígena. Retomada de território tradicional.

Abstract: The objective of the research was to analyze the involvement of the Terena Indigenous School Alexina Rosa Figueredo, from Aldeia Buriti, in Mato Grosso do Sul, in the process of retaking the territory originating from the Terena, seeking to understand how the school took part as well as the propose of composing the school pedagogical proposal articulated to the retaking territory militancy movement. The methodology used for the production and analysis of research data seeks to articulate several procedures, such as document analysis, interviews with elders and village leaders, teachers and students of the indigenous school, as well as PPP analysis of the school. The research contributes to the understanding of how the role of the school makes it possible to carry out a truly differentiated indigenous school education that meets the interests of the Terena community.

Keywords: Terena indians. Indigenous school. Resumption of traditional territory.

¹ A pesquisa contou com apoio financeiro da CAPES, através do Projeto OBEDUC - Convênio 0814/2013 - Formação de Professores Indígenas Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar, sendo o artigo parte dos resultados de dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), onde é analisado o protagonismo da Escola Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada do território tradicional da Terra Indígena Buriti, no município de Dois Irmãos do Buriti.

Resumen: El objetivo de la investigación fue analizar la participación de la Escuela Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, de Aldeia Buriti, en Mato Grosso do Sul, en el proceso de retomar el territorio originario de la Terena, buscando entender cómo participó la escuela, así como la propuesta para componer el proyecto político pedagógico de la escuela en conjunto con el movimiento de militancia para la reanudación del territorio. La metodología utilizada para la producción y el análisis de los datos de investigación busca articular varios procedimientos, tales como análisis de documentos, entrevistas con ancianos y líderes de las aldeas, maestros y estudiantes de la escuela indígena, así como el análisis PPP de la escuela. La investigación contribuye a la comprensión de cómo el papel de la escuela hace posible llevar a cabo una educación escolar indígena verdaderamente diferenciada que satisfaga los intereses de la comunidad de Terena.

Palabras clave: Indígenas Terena. Escuela indígena. Reanudación del territorio tradicional.

1 Introdução

O objetivo da pesquisa foi analisar o envolvimento da comunidade escolar em articulação com as lideranças da aldeia, no processo de retomada da terra tradicional dos Terena nessa região, buscando entender como foi a participação da escola nesse processo, bem como o gesto audacioso da mesma em se envolver na retomada como proposta pedagógica de ensino e pesquisa a partir de ação da militância de toda a comunidade escolar.

A metodologia utilizada para produção e análise dos dados da pesquisa buscou a articulação de diversos procedimentos, como análise documental, entrevistas com anciões e lideranças da aldeia, docentes e discentes da escola indígena, bem como análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, onde os professores incorporaram a participação no processo de retomada das terras originárias dos Terena da região do Buriti como processo pedagógico da escola, portanto, uma metodologia militante tendo a cultura Terena como referência para a pesquisa.

A escola ocupou um importante espaço no processo de retomada do território tradicional Terena transferindo todas suas atividades temporariamente para o local da retomada e vivenciando os acontecimentos no dia a dia do ambiente de luta dos Terena por seu território. Todos passaram a testemunhar os fatos vividos na retomada sejam eles momentos bons ou ruins, inclusive estando presente no momento da ação da polícia federal que teve como resultado o assassinato do indígena Oziel Gabriel, uma das lideranças dos Terena.

A realidade que a escola mostrou aos docentes e estudantes neste espaço buscou uma vivência o mais real possível, não escondendo os fatos e possibilitando que os jovens entendam a importância do respeito a esse processo de luta dos povos indígenas Terena.

2 A cultura Terena e a educação escolar indígena

O Brasil é uma nação constituída por grande variedade de grupos étnicos, com uma diversidade sociocultural riquíssima, com histórias, saberes e línguas próprias. As sociedades indígenas representam uma magnífica soma de experiências históricas e sociais diversificadas, de elaborados saberes e criações, conhecimentos, de arte, música, filosofias originais, construídos ao longo de milênios pela criatividade, inteligência e sensibilidade de seus membros.

Cada povo indígena que vive hoje no Brasil é dono de universos culturais próprios e sua variedade e sua originalidade são um patrimônio importante não apenas para eles próprios e para o Brasil, mas para toda a humanidade. O direito à diferença, garantido no Brasil pela Constituição Federal de 1988 é o principal sustentáculo para a continuidade do processo de construção desse patrimônio (BRASIL, 1998).

De suas teorias sobre o cosmos e sobre os seres, dos significados que construíram filosoficamente para as coisas e os acontecimentos, nascem diferentes visões de mundo, expressas na arte, na música, nos mitos, nos rituais, nos discursos.

Mas historicamente seus territórios tradicionais foram esbulhados pelos não indígenas, com a conivência e participação do poder público federal, estadual e local, inclusive o território tradicional dos Terena que viram a ocupação dos mesmos com as fazendas se multiplicando sobre seus territórios.

Neste contexto, o governo do Estado de Mato Grosso distribuía títulos de terras em grande quantidade, e em nenhum momento procurou saber se as mesmas faziam ou não parte de territórios indígenas, inclusive tendo uma espécie de colapso, de amnésia, e se esqueceu que os Terena estavam em suas áreas, titulando as mesmas para os não indígenas (ALMEIDA, 2012).

Por isso, em 2003, o Cacique Terena Armando Gabriel, quando foi inquirido sobre o assunto, disse que, após a guerra com o Paraguai, os Terena receberam do governo imperial três botinas: “duas no pé e uma na bunda” (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012, p. 298).

Os Terena viram-se cada vez mais cercados pelas fazendas de gado, cujos rebanhos destruíam suas roças. Soma-se a isso a expulsão de muitas centenas de famílias de seus territórios tradicionais, quase sempre feita de forma violenta e com ajuda de homens armados a serviço dos fazendeiros. Com isso, a vida nas aldeias ficou muito difícil e, conseqüentemente, parte dos Terena foi obrigada a se empregar como trabalhadores nessas fazendas, geralmente forçados ao trabalho escravo. Por outro lado, muitas famílias foram para regiões mais remotas da província, fugindo assim momentaneamente desse tipo de situação (AZANHA, 2000).

A partir de então os conflitos entre os Terena e fazendeiros tornaram-se constantes, inclusive pelas tentativas de dominação para subordiná-los ao trabalho escravo. Os Terena mais velhos da Terra Indígena Buriti ainda se lembram das conversas com seus pais em volta do fogo, quando tomavam mate, sobre o tempo da servidão.

Dessa forma, explicam Alcântara e Brostolin (2011), os Terena eram forçados ao trabalho escravo por endividamento, pois não recebiam salários e pagavam tudo que consumiam no armazém ou barracão das fazendas. Logo, sempre ficavam devendo aos patrões, sem tampouco poderem questionar a situação.

Ainda, conforme explicou o Cacique Armando Gabriel em depoimento a Almeida, (2012):

Os patrícios apanhavam até porque se atrasavam para tomar chá de manhã: o castigo era arrancar guaxuma com a mão numa distância comprida, quando o índio levantava as costas doía muito, e ainda o meu avô me contava que as tarefas eram distribuídas em forma de quinze braças medidas, se o patrício não dava conta no dia, no outro dia eram medidas novamente outras quinze braças e com isso ia acumulando, e o Terena iam trabalhando mais, mais e mais como escravo mesmo (p. 33).

No que se refere às terras de ocupação tradicional, os Terena da reserva de Buriti, sempre souberam que a área destinada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1928, de aproximadamente 2.090 hectares, era uma demarcação errônea, isso porque o tamanho da área era superior a 30.000 hectares, onde viviam tranquilos até antes da guerra contra o Paraguai.

No começo da década de 2000, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) constituiu um Grupo de Trabalho (GT) e procedeu ao primeiro estudo para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, sob coordenação do antropólogo Gilberto Azanha. Por meio desse estudo, foi proposta a ampliação da área de 2.090 para 17.200 hectares (AZANHA, 2001).

Depois de alguns anos, os fazendeiros solicitaram na Justiça Federal a realização de uma perícia de natureza antropológica, arqueológica e histórica para saber se aquela área era realmente terra indígena. Foi então que o Judiciário nomeou os professores Jorge Eremites de Oliveira e Levi Marques, ambos da UFGD, para realizarem o trabalho pericial. O resultado do laudo por eles produzido corrobora a conclusão do estudo coordenado por Azanha e ainda aponta que a área de ampliação ficou menor em relação aos mais de 30.000 hectares que os Terena de Buriti reivindicava desde a década de 1920 (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

O estudo é produzido a partir da concatenação de procedimentos científicos comuns e complementares, usados nos campos da antropologia social, arqueologia e história. Nele também constam provas materiais da presença Terena na região indicada pela FUNAI, constando na parte do trabalho onde os autores falam sobre a organização sócio espacial dos Terena na região, valendo-se do conceito de padrão de assentamento, comum na arqueologia.

No caso dessa perícia, por padrão de assentamento deve-se entender um modelo etnoarqueológico de estabelecimentos centrais ou permanentes, quer dizer, de um sistema de assentamentos diretamente associado ao padrão de povoamento dos Terena na área investigada pelos peritos do juízo. Este modelo pode ser caracterizado da seguinte forma: 1. Implantação de assentamentos às margens dos principais córregos da região, geralmente a menos de 100 m de distância dos cursos d'água permanentes formadores de microbacias hidrográficas (córregos Buriti, Cedro, da Veada, do Meio etc.). 2. Ocupação de locais de solo fértil, via de regra de latos solos profundos, bem drenados e bastante favoráveis à agricultura. 3. Exploração de diversos recursos naturais por meio de atividades de subsistência como caça, pesca, coleta, agricultura e manejo agroflorestal, seja em matas ciliares, seja em cerradões e matas da encosta da Serra de Maracaju, às vezes, com uma grande mobilidade espacial, superior a uma légua de distância de suas habitações. 4. Estabelecimento de residências diretamente relacionadas a uma organização sócia espacial que remete a um sistema de predominância da patrilocalidade associada a troncos familiares fundadores de unidades de ocupação, cada qual enterrando seus mortos em cemitérios existentes nas proximidades. 5. Rede de relações sociais entre os troncos, elemento importante para a manutenção da unidade étnica, da prática da reciprocidade e como estratégia de territorialidade ou territorialização, também evidenciada por pinguelas e antigos caminhos. Por tudo quanto foi exposto, portanto, conclui-se que, do ponto de vista da arqueologia, a área objeto da perícia apresenta elementos que possibilitam afirmar se tratar, pois, de uma área de ocupação tradicional indígena (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012, p. 120-121).

A perda de parte significativa de seu território tradicional levou a população da Aldeia Buriti a ser uma comunidade de poucos falantes da língua materna, e na atualidade procura se sustentar apoiando e valorizando os Koixomonéty (pajé) e com isso se tornam um grupo forte no que tange principalmente à religiosidade indígena Terena. A comunidade deixa transparecer a confiança nesses, pois antes de levar um familiar ao médico deve passar primeiro pelo Koixomonéty que cuida da parte espiritual do enfermo para então dizer aos familiares para prosseguir para o médico ou ser tratado por ele mesmo.

Neste processo civilizatório homogeneizado em que vivem as populações indígenas, o grupo Terena do Buriti busca cultivar as raízes de seus antepassados, não aceitando as imposições deste sistema que busca unificar todas as pessoas, branqueando os ideais de um povo milenar, e tendo na educação escolar indígena um suporte para o fortalecimento de suas lutas e manutenção de sua cultura.

Sabemos que a educação escolar indígena no Brasil vem obtendo desde os anos de 1970 avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Se existem hoje leis bastante favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados.

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) foi escrito na expectativa de que pudesse contribuir para diminuir a distância entre o discurso legal e as ações efetivamente postas em prática nas salas de aula das escolas indígenas (BRASIL, 1998).

Nos últimos anos, os professores indígenas vêm insistentemente afirmando a necessidade de contarem com currículos mais próximos de suas realidades e mais condizentes com as novas demandas de seus povos.

Esses professores reivindicam a construção de novas propostas curriculares para suas escolas, em substituição àqueles modelos de educação que ao longo da história lhes vêm sendo impostos, já que tais modelos nunca corresponderam aos seus interesses políticos e às pedagogias de suas culturas.

A princípio, não há entraves legais para que tais currículos sejam construídos, pois a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 2016) garantem aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar, como por exemplo, um calendário próprio e seu modo de aprendizagem no modelo indígena de ser.

A partir da década de 1970, o governo brasileiro, preocupado em estabelecer uma prática escolar indígena dentro das diretrizes das instituições internacionais, buscando melhorar sua imagem mediante a opinião pública mundial, incluiu a prática escolar indígena e o uso das línguas maternas no seu projeto de integração.

Leitão (1997), afirma que, até aquele momento, a educação escolar indígena brasileira baseava-se nas tentativas de alfabetização das crianças indígenas na língua portuguesa.

No tocante a etnia Terena, segundo Almeida (2012), a situação escolar dos mesmos ao longo dos anos de contato com a sociedade não indígena, aconteceu de modo contrário aos anseios e interesses da comunidade.

Mas os Terena do Buriti têm vivido um processo de resistência em busca da valorização dos seus costumes, de sua cultura tradicional, usando também a escola como locus para a reconstrução de seus valores culturais subjugados pela sociedade não indígena, portanto a escola passa a ser um espaço importante de fortalecimento da cultura Terena.

Também a Escola Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, localizada na Aldeia Buriti, por meio de estudos com o grupo de professores e lideranças e com base na formação dos

docentes, observou que aquilo que se ensinava neste ambiente escolar não era condizente para um modelo de educação que atendesse os interesses da comunidade.

O processo educacional que a escola Alexina procura implantar, está sendo elaborado minuciosamente como um novo método e uma nova pedagogia Terena de ser para transmitir seus saberes que se encontram ancorados nos anciões da comunidade.

Isso nos remete ao que Walsh (2009), chama de perspectiva crítica da interculturalidade:

Que se encontra enlaçada com uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; isto é, projetos e interculturalidade, pedagogias e práxis que assumem a perspectiva da decolonialidade (p. 13-14).

Professores indígenas Terena da Aldeia Buriti ao assumirem a dimensão política da escola, passam a ver esta instituição como espaço público onde todos da comunidade podem e devem participar. Nesse foco Bhabha (1998), ao refletir o espaço público como um desafio, sustenta que:

O desafio reside na concepção do tempo da ação e da compreensão política como descortinador de um espaço que pode aceitar e regular a estrutura diferencial do momento da intervenção sem apressar-se em produzir uma unidade do antagonismo ou contradição social. Este é um sinal de que a história está acontecendo, o interior das páginas da teoria, no interior dos sistemas e estruturas que construímos para figurar a passagem do histórico (p. 51).

Os professores da escola estão caminhando em direção a uma educação escolar indígena diferenciada e bilíngue, discutindo as diretrizes, reformulando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, refletindo sobre os planejamentos de aula dentro do contexto indígena. São ações que vão ajudar também aos alunos junto com a comunidade a compreender uma nova pedagogia para construir um currículo e materiais didáticos adequados e condizente à realidade da comunidade indígena.

Isso fundamentado também na Deliberação CEE/MS nº 10.647/2015, do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul que garante a oferta da educação escolar indígena na educação básica pautada pelos princípios da igualdade social, diferença étnico-racial e da especificidade do bilinguismo/multilinguismo, bem como da interculturalidade, propondo uma pedagogia de forma orgânica e articulada, garantindo as especificidades e o modo de ser de cada povo e ainda a realidade de cada comunidade (MATO GROSSO DO SUL, 2015).

Existe portanto amparo legal para a construção de uma educação diferenciada que garanta aos Terena da Aldeia Buriti trabalhar os saberes e a ciência Terena em sua escola, e também os saberes tradicionais de outros povos, colocando a cultura tradicional indígena em primeiro lugar e evidenciando seu modo de ser, sem medo de transgredir um plano de educação estadualizado e municipalizado que quer moldar uma cultura específica em um único parâmetro.

3 O envolvimento da Escola Indígena Alexina Rosa Figueredo na retomada do Território Tradicional Terena

A Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo está localizada na Aldeia Buriti, da etnia Terena, no Mato Grosso do Sul, a 29 km da sede do município de Dois Irmãos do Buriti, oferecendo a educação infantil e o ensino fundamental.

A aldeia Buriti foi protagonista no processo de retomada dos territórios tradicionais dos Terena, tomando a frente e sendo ouvida pelas outras aldeias, organizando as várias reuniões para que fossem sendo construídos entendimentos entre as lideranças, propondo a participação e o consenso entre a comunidade para que pudesse ir de forma coletiva e organizada retomar o seu território tradicional.

Desde o ano 2000 houve aproximadamente 11 retomadas de território tradicional pelos Terena, sendo que a comunidade da Aldeia Buriti retomou áreas situadas nas fazendas Arrozal, 3R (Aldeia 10 de Maio) e Querência.

Segundo Ximenes (2011):

As reivindicações anteriores dos Terena não desencadearam por parte do Estado nenhuma medida que solucionasse o problema territorial dos indígenas, dessa forma, eles encontraram outras alternativas para se fazerem ouvidos. Várias são as ações desenvolvidas pelos Terena guerreiros: ocupações de terra, bloqueios de estrada, protestos na sede da Funai, etc. Essa nova fase é chamada pelos índios de retomada. (p. 86).

Para a retomada de território é necessário passar por muitas transformações e muito esforço. A saída de casa, deixar a família, a certeza de enfrentar uma luta jamais vivida pelos indígenas da terra Buriti. As mulheres que ficaram na aldeia se tornaram guardiãs dos filhos e das casas.

As lideranças organizaram os processos das retomadas, foram líderes propositores que pensaram, analisaram todas as situações, como a alimentação, os barracos, o meio de transporte e tinham muito cuidado com as estratégias que eram definidas e negociadas nas reuniões tribais. Estas reuniões construíram uma liderança bastante sólida em todos os aspectos e fez a Aldeia Buriti ainda mais consolidada em suas articulações.

Conforme explicou o senhor Egídio Mamedes, líder da Aldeia Buriti:

O meu pai dizia que para retomar este pedaço de chão os líderes deveriam organizar para depois repassar para o povo, preparar os nossos irmãos porque não seria fácil retomar este pedaço de chão, já estava muito tempo na mão do fazendeiro, é preciso coragem e pensamento firme, acreditar em todos os nossos patrícios, afirmava: Quando vocês conseguirem organizar aí vai ter força para pegar de volta a nossa terra, nós passamos todo este tempo e faltou esclarecimento, ficamos esperando e o tempo passou, agora é a vez de vocês. Ouvi este conselho do meu pai e repassei nas reuniões que a gente fazia quase todos os dias, para dar coragem na nossa liderança. Foi uma ajuda ter guardado este conselho do meu pai, tiveram outras informações que ajudou a gente tomar decisão, mas o que marcou para mim como líder foi esta passagem, agradece muito, por que esta fala deu força para nós levantar e ir prá luta. (Entrevista concedida por Egídio Mamedes, 2015)

Nas falas dos mais velhos que são lideranças de relevância na aldeia Buriti, é perceptível como os mesmos são uníssonas em dizer como foi a estratégia da retomada, colocando sempre o agente surpresa para não dar tempo de reações, o fortalecimento e a união dos Terena da Aldeia Buriti, tudo isso foi de suma importância para que o evento tivesse êxito, como afirma o cacique Rodrigues Alcântara.

Procurei conhecer a história do meu povo para poder ajudar na retomada para ser alguém que realmente estivesse à frente e compreendesse como seria retomar este território que, por longas datas, esteve nas mãos dos fazendeiros. Era preciso organizar todos os nossos irmãos e procurei entender o meu povo, para não cometer falhas e não colocar tudo a perder, uma certeza eu tinha, era preciso ter muita coragem e graças a Deus recebemos este dom para conduzir o grupo, sempre fui respeitado por todos. Apesar da idade, consegui apoio de todos, e isso trouxe fortalecimento para estar à frente, por longas datas em defesa do grupo Terena do Buriti. Na retomada eu consegui estar junto vivendo a mesma dor, o mesmo sofrimento e eu acredito que um líder deve ser alguém que vai à frente abrir caminhos para o seu povo passar, isso tudo aconteceu por termos uma Aldeia que vive a fé, não nega os saberes tradicionais, trouxe consigo este saber e vive isso com muito respeito. Para mim, como Cacique desta aldeia, me orgulha em fazer parte deste grupo que construímos neste longo período que estou à frente como Cacique. (Entrevista concedida por Rodrigues Alcântara, 2015)

A certeza do direito ao território também se torna responsabilidade em utilizar o mesmo para a produção de alimentos para a comunidade, para o sustento das famílias e a segurança alimentar tão necessária aos povos indígenas como um todo, e no caso específico dos Terena em atividades de agricultura que é parte de sua cultura tradicional.

O vice Cacique, senhor Sebastião Alcântara Batista relata sua experiência e envolvimento nos processos de retomada, onde a certeza de que não teriam suas reivindicações atendidas pelo governo federal e estadual fez com que decidissem de forma definitiva retomar o território tradicional que pertenceu a seus antepassados e, portanto, pertence a atual geração dos Terena.

Particpei desde a primeira retomada no ano 2000, onde começamos a falar como a gente ia começar e por onde começar, definiu qual fazenda nós íamos começar a retomar, neste período tinha 96 guerreiros, chegamos de madrugada no local, sem saber muito que fazer. A gente tinha medo de ser atacado pelo fazendeiro, ficamos uma distância de mil metros longe da fazenda. Quando amanheceu e foi possível visualizar melhor onde estávamos, os nossos líderes escolheram dez guerreiros entre os 96 que ali estavam, para ir até a casa do fazendeiro fazer o comunicado que estávamos ali para retomar o nosso território que estava no poder do mesmo, que ele poderia retirar os seus pertences, o seu gado, porque nós estamos aqui para requerer aquilo que sempre foi nosso e está com você há tanto tempo. A reação foi instantânea, pois reconheceu um guerreiro que havia trabalhado nesta fazenda por um longo período, dizendo: É você? Como pode fazer isso? A gente se conhece há bastante tempo! Você trabalha a bastante tempo na minha fazenda! E você sabe que esta terra aqui sempre foi da minha família? Vocês não podem fazer isso. O guerreiro por sua vez ouviu o desabafo e em seguida respondeu: Não sei como você conseguiu, o que eu sei é que vamos retomar porque esta terra sempre foi do meu povo e estamos decididos em permanecer aqui e vamos continuar! O guerreiro fez esta fala e saiu. No retorno dos guerreiros fizeram a explicação ao restante do grupo que ficou em vigia, foi uma satisfação imensa ouvir este relato, daquele momento para cá notamos que ali tinha acontecido um fortalecimento do grupo, e começamos a armar os nossos barracos, com um pouco mais de tranquilidade, ficamos o dia inteiro em alerta e nada aconteceu, foi passando os dias e fomos organizando, preparando a terra para começar o nosso plantio. Os líderes da retomada organizaram um grupo para definir o espaço para plantar, passaram os meses e aquela terra em que só existia pasto, aos poucos foi sendo preparada para o plantio, ficamos por seis meses neste território aguardando a definição da justiça com relação a nossa permanência, sua definição se a gente teria que sair ou permanecer no local, quando a justiça observou que já estávamos plantando, fortaleceu a nossa permanência neste espaço, e até hoje estamos plantando nossas lavouras, colhendo vários tipos de alimentação que sustenta as famílias da Aldeia Buriti. (Entrevista concedida por Sebastião Alcântara Batista, 2015)

Observa-se na fala do vice-cacique que, por meio da organização e estratégias combinadas com os guerreiros foi possível ter êxito na primeira retomada, onde os Terena estão até hoje plantando e tirando o seu sustento da terra.

Isso é expresso também pelo indígena Agostinho Alcântara, liderança da Aldeia Buriti, quando diz:

Foram meses procurando entender como seria retomar o nosso território que estava em poder do fazendeiro há tanto tempo, nós tínhamos medo de dar errado e não conseguir retomar, as reuniões que fizemos fortaleceram o grupo que no ano 2000 eram apenas 96 guerreiros mais era uma equipe determinada, sabia o que estava fazendo, isso que me dava coragem para fazer o enfrentamento, em defesa do meu filho, meu sobrinho, era neles que sempre pensei quando fomos retomar. O que a gente tinha era muita fé em Koixomoneti (pajé) a gente sabia que não seria fácil, mas tínhamos que começar a retomada, já não dava para esperar, nós tínhamos prova, o estudo comprovava para nós que este território sempre foi nosso, por isso começamos no dia 17 de abril do ano 2000. (Entrevista concedida por Agostinho Alcântara, 2015)

A retomada da fazenda 3R ocorreu no ano de 2011, sendo que em maio desse ano reuniram-se oito lideranças das aldeias existentes na Terra Indígena Buriti para discutir os problemas relacionados ao território onde foram instaladas as fazendas. Na ocasião, foi explicado que estudos feitos para a FUNAI e para a Justiça Federal comprovam que as áreas ocupadas por fazendeiros são terras indígenas, ou seja, território ancestral dos Terena.

Também foi discutido que todo este processo de regularização da área de ampliação já estava correndo por um longo período na mão da justiça, o que o tornou o processo mais lento do que era esperado e por conta disso decidiu-se retomar a fazenda 3R.

A partir daí as lideranças voltaram para suas aldeias para se prepararem para a retomada, sendo que no dia 11 de maio, por volta das 14 horas, várias pessoas se encontraram na estrada que liga a Aldeia Buriti à cidade de Sidrolândia, no caminho que dá acesso à fazenda 3R.

Na ocasião mais de 1.500 guerreiros foram mobilizados e se dirigiram para retomar a fazenda 3R e ao se aproximarem o funcionário da fazenda ao avistar o grande grupo de guerreiros ficou assustado imaginando que algo de ruim poderia ser feito com ele, alguma violência, mas esta não era a estratégia do grupo. As lideranças foram até a sede onde ele se encontrava e pediram para que retirasse todos os seus pertences dali.

Na ocasião, a fazenda se encontrava totalmente abandonada e as casas ali existentes não tinham móveis, exceto a residência onde morava o referido funcionário, que se retirou com todos seus pertences.

A todo o momento, as lideranças e guerreiros discutiam como fariam se houvesse alguma intervenção de fazendeiros vizinhos para retirá-los da área. Aquela tarde foi tranquila e ao anoitecer grupos de guerreiros se espalharam pelas terras da fazenda ocupando principalmente a entrada, onde várias fogueiras foram feitas e ao seu redor havia grupos de 15 a 20 pessoas (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Nesse processo a escola por meio do seu diretor propôs a inclusão de outro segmento de liderança com o intuito de fortalecer ainda mais a comunidade, sendo esse os professores da escola indígena da aldeia. Com isso a escola esteve sempre ao lado das lideranças da comunidade, não importava o horário, fosse de madrugada ou durante o dia estavam prontos para defender os interesses da comunidade, e isso significou o envolvimento total da escola no processo de retomada, fazendo inclusive a mudança de todas as atividades da escola para o espaço de retomada.

O Professor Valdinez Gabriel indígena Terena da Aldeia Buriti relatou esse acontecimento:

Mudar a escola para um lugar de risco trouxe muita preocupação porque estaríamos saindo de um lugar de conforto para viver expostos a todo tipo de situação que possa pensar. Mas o momento era propício e precisávamos fortalecer a retomada e como estive presente com o meu povo desde o ano 2000, fazendo junto o enfrentamento em busca de retomar os nossos territórios, sabendo como é retomar, logo percebi que levando a escola junto com todos seria realmente um acontecimento de muita grandeza que a escola estava propondo, fiquei ao lado da escola concordando, pois sou um professor desta unidade escolar e estaria próximo dos pais podendo colaborar de forma mais intensa com os meus conhecimentos. (Entrevista concedida por Valdinez Gabriel, 2015).

O envolvimento da escola na retomada passou pelo crivo dos pais das crianças da escola, lideranças, professores e anciões. Estar com a escola na retomada, levando todos os alunos para o acampamento da retomada foi um momento muito rico, que possibilitou a todos os membros da escola vivenciar junto com a comunidade momentos inesquecíveis como os rituais de fortalecimento, além da criação do grito de guerra.

Toda manhã, logo após levantar-se, acontecia uma concentração de todo grupo invocando *Ituko 'oviti* (Deus), para mais um dia de luta que seria enfrentado naquele espaço conflituoso, após esta invocação acontecia um ritual para colocar os guerreiros em alerta e apoiar a escola que estava junto convivendo neste processo tenso, portanto importante o apoio de toda a comunidade.

As aulas só iniciavam após todos os membros fortalecerem o seu espírito com a benção do *Koixomoneti* (pajé) e a oração ecumênica, pois neste local tinha a presença de diversos segmentos religiosos, com respeito entre eles, pois na retomada do território estiveram todas as aldeias que compreende a terra indígena Buriti, por isso a oração acontecia de forma ecumênica.

Face as condições vividas no local da retomada que era altamente conflituoso, aconteciam todas as manhãs esse ritual para que todos tivessem um dia abençoado e fortalecido espiritualmente, pois o Terena do Buriti acredita que para ter um dia de luta e aproveitamento todos devem conversar com o *Ituko 'oviti* para não acontecer coisas ruins com a comunidade.

Foram oito meses em que a escola esteve neste local compartilhando os ensinamentos tradicionais e empíricos, pois se compreende que as duas coisas devem caminhar juntas, assim como o aspecto religioso, estão todos amparados uns nos outros, todos os saberes e conhecimentos são altamente valorizados pela escola.

A presença das crianças fortalecia a vontade o desejo em continuar na luta, era por elas que os guerreiros levantavam, ou quase não dormiam, revezando em guarnição em pontos estratégicos protegendo aqueles pequenos que ali estavam.

As crianças faziam o amanhecer mais alegre, a alegria deles se confundia com os cantos dos pássaros, com isso cada guerreiro demonstrava em sua face a satisfação em estar pronto para ser o protetor de cada criança que naquele momento dependesse do seu amparo.

Foi fundamental observar que cada professor se colocou como agente transformador no apoio para levar a escola para o espaço de retomada, pois mesmo sendo um lugar conflitante foi essencial para a comunidade, pois já havia se passado longos anos e as retomadas ainda não tinham causado um impacto no que tange a um avanço significativo, e a escola neste local deu outro significado para todos os guerreiros, pois observaram que com a presença da escola acompanhando e participando do movimento da comunidade, era o fato novo que faltava neste processo de retomada.

Segundo o professor Eder Alcântara Oliveira:

Levar a escola para participar do processo de retomada para mim foi um fato que causou realmente um grande impacto nas nossas vidas, após este fato observei o amadurecimento entre todos os segmentos, professores, lideranças e comunidade. Estar neste espaço fez-me crescer em pessoa o quanto aprendi com as nossas lideranças, ter paciência, aguardar o tempo, aprendi isso tudo. Acredito que estamos revitalizando a nossa cultura aos poucos por meio da escola, pois a mesma tem um papel fundamental neste processo de retomada, estivemos junto com toda comunidade escolar foi um momento único em nossas vidas, jamais esquecerei aquilo que vivemos os tombos, o grito de guerra para motivar o grupo. A equipe escolar proporcionou a todos nós viver um espaço conflitante, mais um momento para descolonizar a todos nós, levarei como experiência este fato que passamos na retomada ministrando minhas aulas aproveitando o máximo os recursos que ali existe para transformar ainda mais atrativas minhas aulas. (Entrevista concedida por Eder Alcântara Oliveira, 2015)

Ao levar a escola e toda sua estrutura para a retomada do território foi possível vivenciar uma experiência jamais vivida pelo corpo docente e o aprendizado que cada um dos professores pôde ter colaborou para um processo formativo que jamais teriam se a escola não fosse participar na luta da comunidade por seus direitos sobre o seu território tradicional.

Neste contexto foi possível apreender durante as aulas a construir as casas de taquara batida, inclusive saber em que lua é melhor para retirar a madeira. Nesta construção não se usa metro ou trena, toda construção é calculada usando às vezes um pedaço de madeira como metragem, este momento quem era o professor era um mestre tradicional, e por sua vez todos os alunos e docentes passavam a serem aprendizes.

Outro momento importante de aprendizado era quando uma autoridade, como ancião, tinha o seu momento de manhã cedo onde fazia sua explicação mostrando que *“o território onde estamos sempre foi de nosso povo e não estamos na terra alheia isso tudo é nosso”* (Entrevista concedida pelo ancião Reinaldo Pereira, maio de 2015).

Este momento vivido na retomada ouvindo os anciões e tornando isso processo de conhecimento fortaleceu ainda mais as teorias que cada professor traz consigo, possibilitou um ambiente de riqueza fundamental no processo educacional da escola.

Havia uma rotina para cuidar do povo que estava na retomada e também daqueles que ficaram na Aldeia. Todos os guerreiros na retomada trabalharam dividindo os afazeres enquanto os líderes cuidavam das articulações. Este período era entendido como um momento harmonioso onde a comunidade se defendia e fazia a defesa dos seus líderes, era um espaço onde todos estavam imbuídos de uma mesma proposta, ou seja, de conquistar a terra a quem tinham e tem direito.

Uma aldeia precisa juntar suas forças com os anciões, lideranças tribais, professores, acadêmicos, para avançar em suas lutas e garantir conquistas. A presença dos professores participando efetivamente no processo de retomada colocou a comunidade Buriti como referência para outras comunidades indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul.

O Cacique Rodrigues Alcântara afirma que:

Quando ouvi pela primeira vez a proposta de trazer os professores, os acadêmicos, anciões e a comunidade para fazer parte da liderança fiquei preocupado, ainda não entendia como isso ia acontecer, qual seria a forma de conduzir esta situação, mas aceitei porque minha Aldeia passava por momentos difíceis, a gente tava na retomada com toda comunidade e era muita gente, e cuidar de um povo não é fácil, mas Deus conduz nossa vida, nossa caminhada, fui ouvir o koixomonéty para saber se esta decisão era correta, após esta consulta e aval do koixomonéty, fiquei mais confiante sabendo que estava fazendo a coisa certa. Depois coloquei na mão de Deus para ele resolver, creio que agente acertou, estamos bem assim, apoiando os jovens, os professores, os anciões, estamos avançando, graças a esta organização, a gente tem a presença de todos e todos se cobram, para não faltar nas reuniões e ficar sem informação. Aqui na Aldeia Buriti a gente pede para repassar informação para aqueles que não estiveram na reunião, pois não pode faltar nas reuniões sem justificar para liderança de sua vila, e também todos que participam da reunião devem usar colar, cocar e ainda fazer a pintura corporal, pois na entrada do espaço onde a reunião acontece, seja no espaço da escola ou na casa do Cacique, sempre tem um indígena preparado para fazer a pintura em quem for participar da reunião, criamos este sistema para fortalecer o nosso grupo. Em nossa Aldeia pensamos muito no fortalecimento da cultura porque na minha comunidade tem poucas pessoas que falam a nossa língua, por isso buscamos outros meios, conversamos como todos para viver a cultura, pensar na comida que nosso pai comia no começo da Aldeia, a gente não pode deixar pra trás a nossa história, nosso costume, é preciso conhecer como era antes, como foi difícil no começo, da nossa Aldeia. (Entrevista concedida por Rodrigues Alcântara, 2015)

O relato do Cacique Rodrigues fortalece ainda mais a proposta de valorização da cultura tradicional Terena, principalmente quando compreende e aceita a participação de toda a comunidade para essa valorização.

Nesse processo as lideranças da Aldeia Buriti foram intimadas a prestar depoimento na superintendência da Polícia Federal crendo que seria um momento de diálogo. Ao chegarem foram surpreendidos com voz de prisão e permaneceram algemados o dia todo e sem comunicação com a comunidade que ficara desprotegida no espaço de retomada. Apenas uma ligação foi concedida ao grupo, foi onde o Cacique Rodrigues Alcântara comunicou com o professor Eder Alcântara, pedindo ao mesmo que cuidasse da comunidade com os outros professores e as lideranças tribais que ficaram na retomada, *“pois estamos presos e tenho preocupação com o nosso povo, como eles vão reagir por isso quero que vocês cuidem disso com muito carinho e logo estaremos de volta”* (Cacique Rodrigues Alcântara).

A partir deste momento os professores se tornaram ainda mais importantes, mostraram como é fundamental ter um grupo forte e unido em defesa de seu povo, conduzindo a comunidade com tranquilidade e souberam controlar a ansiedade de todos que estavam aflitos.

Essas prisões foram uma tentativa de desarticular o grupo da Aldeia Buriti. Na prisão os líderes foram divididos em dois grupos, ficando três na Superintendência da Polícia Federal e três na Penitenciária de Segurança Máxima Estadual de Campo Grande. Foram três dias de muita humilhação, sem comunicação com os familiares, as esposas, as mães e os filhos não tinham informação a respeito dos líderes, o que estava de fato acontecendo com os mesmos.

Enquanto o povo sofria na retomada sem informação, os presos sofriam isolados, enfrentando uma prisão em nome do seu povo, conforme o relato do líder Agostinho Alcântara:

Estive na retomada desde o ano 2000 acompanhando e sendo um dos que sempre defendeu o coletivo, assustei muito com esta intimação, não esperava nunca passar por uma prisão, foram três dias de muito sofrimento, não desejo a nenhum irmão esta situação. Se a tentativa foi nos calar, não conseguiram porque saímos com mais força e vamos continuar defendendo o nosso povo. Ao retornar para a retomada fomos fortalecidos, abraçados pelos nossos irmãos e que ali ficaram sofrendo com a nossa prisão, e sentir o calor das pessoas me fez compreender que tudo o que faço é para ajudar a comunidade e sempre pensei assim fazer um trabalho para todos. A partir deste período senti que meu povo precisa muito da minha ajuda e vou continuar fazendo tudo o que faço para ajudar e sair vencedor desta batalha. Sei que não será fácil, mas vou junto do meu povo defendendo, estando à frente porque acredito que Deus colocou esta missão em minha vida, e tenho que estar junto enquanto estiver força de andar, correr, quero contribuir, e ainda ver nossa vitória. Quando começamos em 2000 esta luta a gente já sabia que todos estariam contra a gente e deveríamos ter fé e coragem. Então, é isso que procuro repassar aos jovens da aldeia Buriti. A luta é nossa e somos nós que temos que ir à frente, é preciso continuar, não é a prisão que vai fazer a gente parar. (Entrevista concedida por Agostinho Alcântara, 2015)

Percebe-se na fala do senhor Agostinho a indignação por ser preso como se fosse um criminoso e na realidade, ele, como todos os Terena da aldeia Buriti, estavam buscando o seu direito ao território tradicional que foi esbulhado pelo agronegócio.

O acontecido com o senhor Agostinho Alcântara não enfraqueceu a causa, ao contrário, fortaleceu a empreitada e os Terena continuaram na área retomada, e a escola participando ativamente e dentro desse contexto reafirmando uma pedagogia Terena e uma metodologia inovadora para os alunos como fala a professora Sueli Firmino:

Ao participar da retomada foi fundamental e cada pessoa que esteve presente naquele momento que foi sim angustiante, mas um espaço de reflexão e aprendizado, principalmente para os professores e alunos, tudo aquilo que ouvíamos apenas em história contado em casa por nossos avôs foi vivenciado no espaço de retomada, estar junto com o nosso povo vendo ser construída a nossa casa de taquara batida, as tarimba (cama), jirau, um lugar para lavar seus utensílios da cozinha, coisas que as crianças já não conheciam este processo em nossa Aldeia. O professor assume então um novo papel neste momento na retomada tendo que se habituar em tão pouco tempo em outra realidade, uma vez que deixou aquela sala toda quadrada para estar em uma área conflitante, e um local exposto, mas isso não causou problema para os alunos. Os mesmos sentiam como um pássaro livre, podendo andar, nadar no rio, pescar, pois a proposta da escola esteve pautada em usar este ambiente natural e levar a escola para apoiar a comunidade onde for necessário, estar neste espaço proporcionou a cada indígena que esteve junto, fortalecendo o movimento rumo ao novo horizonte, pois a sala de aula sempre incomodou este professor indígena, estar atuando, vivendo todo este momento fez os professores refletirem e saber o quanto a comunidade precisa do seu apoio. (Entrevista concedida por Ana Sueli Firmino, 2015)

Levar as crianças para sentir, ver e viver neste espaço foi difícil, mas fundamental, pois cada indígena que esteve apoiando a escola pode sentir o quanto sua presença na retomada foi importante para fortalecimento de todos na retomada.

Na fala do professor Alberto França Dias ele reitera que:

Envolver a escola na retomada foi extraordinário, uma proposta de afirmação onde os pais puderam acompanhar o desenvolvimento e o envolvimento de seus filhos, vivendo momentos que no espaço escolar que temos na área demarcada, já não estava sendo trabalhado, e é notável a aceitação dos estudantes estarem estudando neste local. Fluiu de forma natural o processo ensino aprendizagem, a troca de informação foi fundamental, e estar atuando como professor neste período foi um feito e jamais esquecerei os momentos vividos com os estudantes (Entrevista concedida por Alberto França Dias, 2015).

Outra professora da etnia Terena Cledeir Pinto Alves complementa que:

O que aconteceu neste período de retomada foi algo que eu não esperava viver, e quando fomos comunicados pela direção da escola que estaríamos indo fazer parte da retomada, confesso que senti um frio, pois estávamos indo para um território em conflito, mas compreendi que seria o momento de contribuir com o meu povo, podendo atuar em defesa da retomada do território e estar mais próxima do nosso povo. (Entrevista concedida por Cledeir Pinto Alves, 2015)

Foi notado pelos professores que a escola na área de retomada fez com que os pais e alunos juntos construíssem suas próprias casas tradicionais e o modo de fazer ensinando os filhos como eram feitas as casas antigamente na aldeia Buriti. Tudo isso trouxe para os alunos e professores um aprendizado para que dentro salas de aula pudessem trabalhar as disciplinas no contexto da retomada. Os conteúdos trabalhados neste período eram retirados da sabedoria de cada ancião que estava junto também nesse momento de luta.

As aulas aconteciam ao ar livre, debaixo das árvores aproveitando toda a natureza daquele local e com isso reafirmava cada dia que a decisão tomada em estar com a escola foi acertada.

Os anciões compartilharam seus conhecimentos nas aulas ministradas na escola na retomada, o que mostrou o quanto a escola estava certa em apoiar e estar junta com sua comunidade em um momento crucial como aquele. Estar juntos passando pelo mesmo sofrimento, mesma dor, repartindo o alimento, sendo mais um a somar para que os alunos pudessem compreender este momento e ser um Terena conhecedor e participativo, sendo protagonista de sua história junto com seu povo.

A retomada trouxe um espírito de luta que foi decisivo, pois o coração e a cabeça dos indígenas fixaram ainda mais na necessidade de defender a comunidade, e a escola estava presente neste espaço fazendo parte de todo processo da retomada, contribuindo ativamente para alcançarem juntos os objetivos planejados.

O cacique Rodrigues afirma que “todos os professores eram meus advogados”, pois cada professor fazia papel de orientador de toda comunidade, sempre com o objetivo de esclarecer os direitos da comunidade.

A presença da escola na retomada foi um fato real onde todos os segmentos apoiaram e quiseram estar junto com seus filhos ensinando e aprendendo os saberes tradicionais dos Terena.

4 Considerações finais

O trabalho buscou contribuir para a reflexão sobre os processos educativos pelos quais os Terena da aldeia Buriti passaram e passam e, com isso, adquirem respaldo para a construção de uma educação escolar indígena diferenciada, uma educação escolar que a comunidade quer para seus filhos.

A escola é um espaço redemocratizado, poroso, flexível, de resistência e negociações, para transitar entre as fronteiras culturais, buscando conhecimentos e com isso suprir a comunidade da aldeia Buriti, fortalecendo a cultura Terena e reafirmando a sua identidade.

Com a presença da escola no espaço de retomada foi possível para toda a comunidade sentir a energia vinda das crianças, dos guerreiros, das lideranças e dos professores. Este local se tornou, antes de tudo, uma escola onde os professores poderiam ser qualquer membro da comunidade, não necessitando de uma formação acadêmica, o seu conhecimento de vida era uma aula importante para todos que ali estavam convivendo.

Nos dias atuais, cada professor da aldeia Buriti é uma liderança, a figura do professor torna-se ainda mais importante neste contexto indígena, onde o espaço escolar é um local onde se constrói e também se tomam as decisões da comunidade.

O povo indígena Terena da Aldeia Buriti se fortaleceu não só em sua liderança tribal, mas também através dos jovens acadêmicos da escola, pois puderam contribuir com a comunidade de forma efetiva e prática, podendo inclusive estar presentes nas conversas no que tange à organização indígena, sendo isso uma grande mudança cultural, sem tirar o poder e a valorização dos anciões, pois esses são os pilares da comunidade e sempre foram fundamentais em todo processo de tomada de decisão na luta dos Terena.

A aldeia Buriti continua propondo o fortalecimento da cultura tradicional dos Terena, sempre respeitando esta linha onde a decisão acontece em conjunto, com a participação de toda a comunidade.

Referências

ALCÂNTARA, Mamedes Genildo; BROSTOLIN, Marta Regina. **O processo escolar dos Terena**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2011.

ALMEIDA, Fernando Augusto Azambuja. **A construção do processo escolar dos Terena da Aldeia Buriti**. 2012. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

AZANHA, Gilberto. **Relatório antropológico para a redefinição dos limites da Terra Indígena Buriti - Portaria 1.155/Pres/FUNAI**. Brasília: s./ed., 2001.

AZANHA, Gilberto. **Relatório GT 553/FUNAI**. Brasília: FUNAI, 2000.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Casa Civil, 1988.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº. 9394/2016. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Casa Civil, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LEITÃO, R. M. **Educação e tradição a significação da educação escolar para o povo Karajá**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação CEE/MS nº. 10.647/2015**. Fixa normas para oferta da educação escolar indígena no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação 2015.

OLIVEIRA, Jorge Eremites; PEREIRA, Levi Marques. **Terra indígena Buriti**: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul. Dourados: UFGD, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria. (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

XIMENES, Lenir Gomes. **Terra indígena Buriti**: estratégias e performances Terena na luta pela terra. Dourados: UFGD, 2011.